

TARA HYLAND

FILHAS DA FORTUNA

Tradução de Isabel Alves

Na manhã seguinte, Katie vestiu as suas melhores roupas e dirigiu-se a Old Bond Street, onde se situavam as lojas mais elegantes e exclusivas de Londres. Deslumbrada, passou por galerias de arte e joalherias finas, lojas de marca como a Gucci e a Chanel... até encontrar finalmente a Melville. Mesmo por fora era intimidante. O vidro escurecido e as pesadas cortinas de veludo nas janelas tornavam impossível ver o interior. Um porteiro de libré abriu-lhe as portas com o emblema dourado. Respirando fundo, Katie entrou.

Foi o seu primeiro erro.

– As raparigas das vendas devem usar a entrada dos fundos – disse Anne Harper, a gerente, a Katie nessa manhã, acompanhando-a numa breve visita à loja. Nuala dera boas informações sobre ela e, após uma breve entrevista, Mrs. Harper concordara em contratar Katie à experiência. Falou num tom que dava a entender que não contava que Katie durasse mais do que isso.

– Se volto a apanhá-la outra vez a entrar pela porta da frente, é despedida – continuou Mrs. Harper. – Será também despedida sem contemplações se chegar atrasada ou se algum cliente se queixar de si.

Katie rapidamente mudou de ideias de que trabalhar na Melville seria sofisticado. Nuala tinha razão: o horário era pesado, o salário miserável e as pessoas hostis; clientes e colegas em igual medida. Praticamente nunca via Nuala, que trabalhava como secretária no edifício-sede adjacente, e as outras assistentes de vendas eram, na sua maioria, de famílias ricas. O emprego não passava de uma distração até se casarem. Katie sabia que a olhavam com desprezo, a simplória rapariga do campo irlandesa. Quando faziam planos para sair no fim-de-semana – planos que nunca a incluíam –, Katie fingia não ouvir.

Perante hostilidade tão franca, Katie teria provavelmente procurado outro lugar. Mas aconteceu então algo de inesperado. Apaixonou-se.

Tudo começou com uma série de roubos. Desapareceram cinco carteiras do armazém, seguidas de uma dúzia de *écharpes* de seda. Mas, quando foi detectada a falta de vinte libras da caixa, a Gerência decidiu finalmente entrar em acção. Mrs. Harper convocou uma reunião do pessoal, assim que a loja fechou, advertindo que, nessa noite, seria efectuada uma revista aleatória às carteiras das funcionárias.

Katie juntou-se à fila com as outras. Enquanto esperava, alguém a acotovelou. Virou-se para trás e deparou-se com Fiona Clifton, uma rapariga com ar rústico e rosto comprido, que era sempre bastante desagradável com ela. O rosto afilado de Fiona abriu-se num sorriso que lhe revelou os dentes. – Desculpa, querida – relinchou ela.

Katie estava a ponto de lhe dizer que não fazia mal. Mas, nesse momento, foi chamada para abrir a carteira. Katie observou o Chefe de Segurança da Melville a retirar o seu guarda-chuva, o *bâton* da Max Factor e o lenço. Por fim, revistou-lhe os bolsos do casaco. Perante o olhar de Mrs. Harper e do resto do pessoal, retirou uma nota de vinte libras. Virou-a ao contrário, revelando uma marca cor de laranja a toda a largura que a identificava como dinheiro de caixa.

– Não é minha – protestou Katie.

Mas ninguém acreditou na sua história. Afinal, por que razão havia qualquer uma das jovens endinheiradas que trabalhavam na loja de roubar dinheiro e incriminá-la?

Mrs. Harper pegou em Katie pelo braço. – Tem de vir comigo. Mr. Melville quer ocupar-se pessoalmente deste assunto.

O coração de Katie caiu-lhe aos pés. Ouvira rumores sobre William Melville, o bisneto do fundador. Conhecido como um homem temível, nunca tinha tempo para visitar o local de trabalho e o pessoal da loja só o via na festa de Natal, na qual fazia aparições-relâmpago. Katie nunca lhe pusera a vista em cima, mas não imaginava que ele fosse do género de lhe conceder um tratamento justo.

A sede da Melville situava-se mesmo atrás da loja. Katie nunca tivera motivos para aí entrar, todavia supunha que se assemelhasse às salas dos fundos austeras e desconsoladas da loja. Mas foi, pelo contrário, como entrar numa casa sumptuosa. Seguiu Mrs. Harper por corredores mal iluminados, a que não faltavam alcatifas de pêlo alto e pinturas a óleo originais a adornar as paredes. Por fim, chegaram a uma pesada porta no último piso do edifício. Uma placa com letras gravadas a ouro anunciava que pertencia a «William Melville, Director Executivo». Mrs. Harper bateu sonoramente e uma voz brusca convidou-as a entrar.

A sala era em tudo tão imponente como o corredor. Lambris de noqueira, soalho encerado e uma estante repleta de primeiras edições transmitiam uma atmosfera grandiosa e impessoal. No centro, encontrava-se

uma elegante secretária Luís XIV, de carvalho escuro maciço, o tampo coberto de couro grená. Katie deduziu, e bem, que o homem sentado à secretária era William Melville. Alto e bem constituído; forte, sisudo e rígido: o género de homem nascido para dirigir uma empresa como aquela. Não levantou os olhos quando elas entraram.

– Um momento – murmurou.

Katie mexeu-se constrangida. Mrs. Harper continuava a agarrar-lhe firmemente no braço e começava a doer-lhe, mas não se atreveu a libertar-se. Deu a sensação de que Mr. Melville demorou uma eternidade a fechar à pasta à sua frente e a dignar-se levantar os olhos. – Muito bem, em que posso ajudá-la, Anne? – A sua voz era forte e distinta e, aos ouvidos de Katie, atterradoramente snobe.

Olhou em frente enquanto Mrs. Harper descrevia os acontecimentos dessa noite. William Melville não olhou uma única vez na direcção dela. Não pôde deixar de se sentir abatida. Sem dúvida que ele acreditaria em tudo o que Mrs. Harper dizia e talvez chamasse a polícia. A ideia de ser repatriada para a Irlanda em desgraça, da vergonha dos pais... Sentiu as lágrimas avolumarem-se-lhe nos olhos, no entanto pestanejou para as conter. Não lhes daria essa satisfação.

Mrs. Harper acabou de falar. Os olhos de William pousaram sobre Katie. Ela olhou-o firmemente nos olhos: afinal de contas, não tinha qualquer razão para sentir vergonha. Ele tinha pouco mais de trinta anos, mas o rosto sóbrio, o fato por medida de Savile Row e o cabelo a embranquecer nas têmporas faziam-no parecer mais velho. Fixou-a durante um longo momento como se estivesse a avaliá-la. Por fim, os seus olhos caíram no braço de Katie que Mrs. Harper ainda estava a agarrar. Franziu o sobrolho. – Acho que pode largar a jovem, Anne – disse com brandura. – Não me parece que ela vá fugir.

A gerente da loja obedeceu. William virou-se então para Katie e o que disse a seguir apanhou-a completamente de surpresa.

– Então, Katie – disse ele, falando-lhe como se fossem velhos conhecidos –, a que propósito é que deu toda esta canseira a Mrs. Harper? – O seu tom estava carregado de branda censura.

Esperou um momento, como se contasse que ela respondesse. Katie ficou calada. Não fazia ideia do que ele estava a dizer. Sem abrir a boca, ele abanou a cabeça e virou-se para Mrs. Harper.

– Lamento muito tudo isto, Anne. Mas tenho a certeza absoluta de que a Katie não roubou esse dinheiro. É que eu próprio lho dei do cofre do dinheiro de caixa para ela ir buscar a minha roupa à lavandaria quando viesse trabalhar amanhã. Normalmente, é a minha secretária que se encarrega disso mas neste momento ela não está.

Katie olhou, incrédula, vendo-o obrigar uma relutante Mrs. Harper a apresentar-lhe desculpas. Não fazia ideia da razão por que ele mentira para a defender, mas se significava que não perdia o emprego seria com todo o prazer que não abriria a boca.

Depois disso, Mrs. Harper não se demorou por muito tempo. Claramente humilhada, desejou um seco boa-noite a William e apressou-se a sair. Katie esperou que os passos da outra mulher desaparecessem antes de se virar para o director executivo. – Porque é que fez aquilo? – perguntou.

William encolheu os ombros com a descontração de um homem que está habituado a que as suas ordens sejam obedecidas sem serem postas em causa. – Estava com ar de quem precisava de um aliado.

Ela demorou um momento a digerir aquelas palavras.

– Obrigada – disse por sim.

– Não tem de quê. – Os seus olhos endureceram. – Trate mas é de evitar que este tipo se situação se repita. Da próxima vez não serei tão tolerante.

Nesse instante, ela compreendeu que ele continuava a pensar que era culpada.

– Eu não... – começou a explicar. Mas William Melville interrompeu-a.

– Só lhe peço que não deixe que isto volte a acontecer – repetiu, secamente.

Virou-se de novo para a sua pasta, indicando que a conversa estava terminada. Katie queria dizer mais mas sabia que não adiantava de nada. Abandonou a sala.

Descendo apressadamente as escadas e saindo para a fria noite de Inverno, sabia que devia sentir-se aliviada: escapara por pouco. Mas, por qualquer razão, o incidente deixou-a deprimida. Desagradava-lhe pensar que aquele homem benevolente, que correria um risco com ela, continuava a julgá-la uma ladra.

*

Um mês mais tarde, a verdadeira culpada foi descoberta. A segurança apanhou Fiona Clifton no armazém a meter cinco pares de sapatos numa mochila. Aparentemente, a mesada do papá não chegava para financiar o seu vício florescente em cocaína. Foi imediatamente despedida.

Com o nome agora plenamente limpo, Katie recebeu um segundo pedido de desculpas, um tanto forçado, de Mrs. Harper... e uma nota escrita à mão de William Melville a convidá-la para jantar nessa noite.

Não lhe pedira para fazer segredo do encontro entre ambos. Mas Katie não confidenciou a novidade às outras raparigas, pois não desejava dar azo a falatório. Cingiu-se, pelo contrário, à sua rotina, largando o serviço às sete e passando a hora seguinte num café próximo.

Katie não podia deixar de se sentir nervosa enquanto esperava. Tinha pouca experiência com os homens. Tivera o seu quinhão de admiradores, atraídos pela sua deslumbrante beleza gaélica – cabelo preto e brilhante com tons azulados e pele muito branca – e pela sua figura cheia, mas nunca tivera um namorado a sério. Em casa, a expressão feroz do pai assustava quaisquer pretendentes. Em Londres, encontrara mais liberdade, porém a sua severa educação católica implicava que os encontros acabassem sempre da mesma maneira: com Katie a afastar mãos ávidas e a ser depois levada a casa num silêncio taciturno. Decidira que, se William se comportasse de forma atrevida, voltaria imediatamente para casa, nem que significasse perder o emprego. Afinal de contas, não era *esse* género de rapariga.

Às oito menos cinco, estava mais uma vez à porta da loja. William já chegara. Cedo, reparou, e com um ar próspero e fabuloso, num casaco de caxemira azul-marinho. Baixou os olhos para o seu próprio traje. Com a sua blusa de laço em poliéster e saia de bombazina pelo meio da perna, não era exactamente uma companheira de jantar ideal para ele. Esperou, sem saber muito bem como cumprimentá-lo.

– Ainda bem que veio, Katie – disse ele, na sua voz gutural e culta que a tornou agudamente consciente da sua melodiosa inflexão irlandesa.

– Foi muito amável em convidar-me, Mr. Melville.

Ele sorriu-lhe. – Se vamos jantar juntos, devo insistir em que me trate por William.

Katie hesitou por um breve momento antes de lhe sorrir.

– Obrigada... William – respondeu.

Foi uma noite mágica para Katie. William levou-a ao Ritz. Ao que parecia, dada a proximidade do escritório, jantava lá com frequência. No início, quando entraram na sala de jantar bastante formal do hotel, Katie experimentou um momento de terror. Era impossível que não fizesse qualquer coisa estúpida, que não cometesse uma gafe social qualquer. Mas William, parecendo pressentir os seus receios, esforçou-se por pô-la à vontade. Indicou ao chefe de mesa que os sentasse a uma mesa enfiada num canto discreto, longe dos olhares curiosos dos outros comensais. E deve ter visto a sua expressão horrorizada quando Katie se apercebeu de que o menu estava em francês, pois ofereceu-se para escolher por ela. – Venho cá tantas vezes que sei o que é bom – disse, numa voz suave, desejando visivelmente poupá-la a qualquer embaraço.

A partir daí, ela começou a relaxar. Devorou a deliciosa comida – sopa de lagosta, seguida de *boeuf bourguignon* – e deixou-o até servir-lhe um pequeno copo do *bordeaux* que ele seleccionara cuidadosamente. Conversar com William Melville revelou-se também mais fácil do que esperava, pois ele parecia genuinamente interessado no que Katie tinha a dizer. Deu por si a falar-lhe da sua educação, de como se sentia asfiziada em casa; ele correspondeu, abrindo-se com ela sobre a pressão que sempre sentira para ingressar no negócio da família. Era estranho descobrir que tinham mais em comum do que alguma vez teria imaginado.

No fim da noite, ele insistiu em mandar o seu motorista levá-la a casa. Reclinados contra o assento de couro macio do *Rolls-Royce*, vendo as luzes brilhantes do West End dar lugar aos arredores menos salubres do Norte de Londres, Katie teve a certeza de que recordaria aquela noite como uma das melhores da sua vida.

Quando chegaram ao albergue, ele saiu do carro para lhe abrir a porta, como era próprio de um verdadeiro cavalheiro.

– Boa-noite, Katie – disse.

Inclinou-se para lhe beijar a mão. Ela sentiu os lábios dele aflorar-lhe a pele e estremeceu. Sem mais uma palavra, deu meia-volta e correu para casa, transportando consigo as suas recordações.

Não fizeram planos para voltar a encontrar-se. Mas na quinta-feira seguinte, Katie recebeu outro bilhete de William, no seu cacifo, a perguntar se estava livre para jantar nessa noite.

Desta vez, hesitou. Sabia que ele era casado. Sabia também que ele tinha uma filha de dezoito meses. Na semana anterior, William falara-lhe da mulher e da filha. Residiam na sua propriedade rural no Somerset. Durante a semana, ele ficava na sua residência em Belgravia e, aos fins-de-semana, ia ter com elas. Katie não fazia ideia do que este convite significava para ele, mas sabia o que significava para ela. E isso bastava para levá-la a considerar recusá-lo.

Todavia, apesar das suas boas intenções, deu por si, nessa noite, à entrada da loja às oito menos dez. Mais uma vez, ele já lá estava e sorriu quando a viu.

– Pensei que podíamos ir hoje a um sítio diferente – sugeriu ele, avançando com ela pela rua. – Um sítio... menos formal.

Katie calculou que ele se referia a um lugar onde fosse menos provável que fossem vistos.

O pequeno restaurante francês era, como ele prometera, menos formal. E, fosse qual fosse a razão dele para escolhê-lo, Katie descobriu que se sentia mais à vontade.

Quando outro convite chegou na semana seguinte, não ficou minimamente surpreendida.

Jantaram juntos todas as quintas-feiras durante os dois meses seguintes. À primeira vista, não tinham nada em comum. Mas achavam-se mutuamente fascinantes. William não voltou a falar da mulher e Katie também não viu qualquer motivo para abordar o assunto. Aliás, surpreendia-a a facilidade com que se esquecia de quem ele era. Dava por si a falar-lhe do seu dia e das outras raparigas que eram horríveis com ela, como se ele fosse um amigo.

– Eu podia fazer alguma coisa – disse ele uma vez. – Transferi-la para outra secção...

– Não – disse ela firmemente. – Não. Não quero que faça nada. – O que queria dizer era que não queria que ele fizesse alguma coisa que chamasse a atenção para eles.

Katie não fazia ideia do que ele via nela nem como pensava que a sua relação ia evoluir. Além de lhe beijar a mão, nunca fazia qualquer tentativa para lhe tocar. A única pessoa a quem falara destes encontros era Nuala. A amiga não fez segredo da sua condenação.

– Só há uma coisa que ele quer de ti, Katie – disse-lhe ela repetidas vezes.

– Não – insistiu Katie. – Não é nada disso.

Nuala reagiu com um riso de desdém. Estava a planear o seu casamento com um rapaz que conhecera num dos muitos *pubs* irlandeses e não lhe agradava a ideia de um homem casado que convidava uma rapariga solteira e bonita para jantar. – Oh, Katie, grande tola. Não acreditas seriamente nisso, pois não?

Na verdade, Katie quase se *convencera* de que ela e William eram amigos e nada mais. Depois, numa noite fria de Janeiro, estavam a voltar para o carro dele quando ela escorregou no passeio gelado. William ajudou-a a levantar-se mas, quando ela olhou para verificar os estragos, descobriu que tinha os *collants* rasgados e os joelhos esfolados. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Magoou-se? – perguntou ele, preocupado.

– Não, estou bem – disse ela, fungando.

– Não está nada.

Como que para provar que ela estava a mentir, estendeu a mão e limpou-lhe uma lágrima da face molhada. Isso só piorou a situação. De repente, ela não conseguia parar de chorar.

William não disse nada. Limitou-se a passar os braços à volta dela e a puxá-la para si. Ela sabia que devia resistir mas, por qualquer razão, não conseguiu libertar-se. Fechou os olhos e relaxou, encostada ao peito dele.

– Oh, Katie, Katie – murmurou ele, junto do seu cabelo. – Que é que vamos fazer?

Nessa noite, em lugar de mandar o motorista deixá-la em casa, William levou-a para sua casa.

Katie sabia que era errado. Sabia que, provavelmente, ia arder no Inferno para todo o sempre, mas foi mais forte do que ela. Nessa noite, Katie O'Dwyer, que jurara às freiras que se guardaria para a sua noite de núpcias, entregou-se completamente ao marido de outra mulher. Nos

lençóis de seda estampados de uma cama estranha, com a mulher e a filha dele a fitá-la dos retratos na parede, ofereceu-se a William.

O sangue e a dor desapareceram depois da primeira vez. E daí em diante deixaram de se encontrar em restaurantes. Ele alugou-lhe um pequeno apartamento em Clapham e todas as quintas-feiras – e ainda às segundas, terças e quartas – esqueciam o jantar e dirigiam-se directamente para lá para passar a noite nos braços um do outro.

Estavam juntos há oito meses. Oito meses ditosos, fingindo que o mundo não existia.

Então, uma noite, ele falou-lhe da sua iminente viagem a Itália: as férias anuais da família. Não podia esquivar-se às duas semanas no lago de Como, um lugar de que ela nunca ouvira falar. A ideia de passar catorze dias sem estar com William aborrecia Katie mais do que saber que ele estaria com a mulher. Secando-lhe as lágrimas com beijos, ele prometeu visitá-la na noite do seu regresso.

Foi a primeira experiência de Katie da duplicidade dos homens. Dois dias depois de William partir, foi chamada ao gabinete de Anne Harper e informada de que estava despedida.

– Deve haver algum engano! – explodiu. – Não me pode fazer isso. Pergunte ao... – Preparava-se para dizer «William» mas conteve-se a tempo.

A gerente da loja sorriu desagradavelmente. – Pergunto a Mr. Melville, era o que ia dizer? – Katie viu que ela estava a divertir-se. – Não me parece que isso lhe adiante de nada, Miss O’Dwyer. Afinal, foi ele que me deu instruções para a pôr na rua.

Katie ouviu, aturdida, a outra mulher dizer-lhe que, além de perder o emprego, também teria de vagar o apartamento até ao final da semana. A gerente empurrou então um envelope sobre a secretária. – Isso deve compensá-la por qualquer incómodo de maior – acrescentou friamente. – E estou certa de que não preciso de lhe dizer que guarde esta conversa para si.

Katie ouviu o registo de advertência na voz de Anne. Conseguiu, sem saber como, murmurar que não queria causar problemas e, ainda aturdida, levantou-se e dirigiu-se num passo inseguro para a porta.

No andar de cima, sozinha na sala do pessoal, abriu o pesado envelope creme. Uma parte de si esperara que contivesse uma carta de William, com alguma explicação do que tinha feito. Mas só havia uma nota seca e formal, em papel timbrado da empresa, da secção de pessoal, descrevendo os termos do despedimento e referindo o cheque indemnizatório anexo de mil libras. Era claramente um soma tão ridícula, tendo em conta o seu salário e o tempo de serviço, que quase se riu. Meteu o envelope, a carta e o cheque ao bolso e esvaziou o seu cacifo. Depois, sem falar com ninguém, deixou a Melville para sempre.

Nessa noite, Katie fez o que William pretendia: saiu da vida dele. Ele tinha razão, decidiu, enquanto embalava os seus haveres. Uma ruptura total era a melhor saída. Se desejava que ele tivesse tido a coragem de lhe dizer na cara, consolou-se com a ideia de que ele tivera receio de que a sua determinação fraquejasse. Era mais fácil do que pensar na alternativa: que ele nunca quisera saber.

Nunca mais voltou à Melville. Encontrou um alojamento mais barato e convenceu o proprietário de um pequeno café a dar-lhe emprego. E William tinha razão, dizia a si mesma todas as noites, chorando até adormecer. A relação entre eles estava condenada a acabar. Precisava de esquecê-lo para que ele pudesse esquecê-la a ela e estar com a mulher. Por mais que doesse, era o procedimento correcto.

Isto passara-se havia três meses. E agora aqui estava, à espera à porta de casa dele, onde tinham passado a primeira noite juntos.

O ronronar familiar do motor de um carro interrompeu as reflexões de Katie. Levantou os olhos do seu lugar no banco do parque. E realmente lá vinha o *Rolls* de William. O seu coração começou a bater mais depressa. Apesar de tudo o que acontecera, ansiava por vê-lo de novo.

O carro abrandou, estacionando à porta de casa dele. O motorista apeou-se primeiro, pondo o boné de pala antes de contornar o automóvel para abrir a porta de trás a William.

William saiu então para o passeio. Na luz fraca do lampião, Katie distinguiu os seus ombros largos e expressão solene. Levantou-se, tirando de frio e expectativa. Preparava-se para chamar pelo nome dele

mas, nesse momento, ele virou-se para o carro e estendeu a mão. Katie viu os dedos esguios que agarraram no seu pulso forte.

Reconheceu imediatamente a loura elegante, com um casaco de pele de raposa: era a mulher dele, Isabelle. Katie pensou distraidamente onde teriam ido nessa noite. À ópera? Jantar com amigos? Mas não era nada consigo.

Viu-os subir os degraus juntos e desaparecer dentro de casa. Um momento depois, as luzes da árvore de Natal tremeluziram na janela da frente. No lusco-fusco, viu William tomar Isabelle nos braços. Ele apontou para o visco sobre eles e ela soltou uma risadinha. Ele afastou-lhe o cabelo louro da cara e inclinou a cabeça.

Katie não conseguiu olhar mais. Fechou os olhos, tentando bloquear a imagem deles juntos. Em seguida, pousou a mão na barriga, afagando-a com suavidade. Agora nunca mais poderia dizer-lhe. Fora estúpida ao ter ido ali esta noite; como fora estúpida ao envolver-se com um homem casado. Agora teria de lidar com as consequências sozinha.